

BASÍLIO DA GAMA: A OBRA POR VIR

— 17 INÉDITOS E UMA NOVA VERSÃO *

1. Considerada de há muito como um momento importante da formação da literatura brasileira, a segunda metade do século XVIII está contudo mal estudada.

A obra de Basílio da Gama é um bom exemplo dos efeitos dessa relativa desatenção da crítica. É certo que o panorama se tem vindo a modificar favoravelmente nos últimos anos, o que fica a dever-se, por um lado, a algum interesse demonstrado pela investigação universitária — traduzido nas dissertações de Ivan Teixeira¹, António Manuel Nunes² e Vânia Pinheiro Chaves³ — e, por outro, ao aparecimento recente da edição das *Obras Poéticas de Basílio da Gama*, organizada pelo primeiro dos investigadores referidos⁴. Apesar disso, passado o bicentenário da morte do poeta mineiro, o estudo da sua obra continua a apresentar muitas lacunas, da mesma forma que a edição dos seus textos continua sendo uma tarefa inacabada. Com efeito, ao contrário do que acontece com os seus contemporâneos Cláudio, Gonzaga ou Alvarenga Peixoto, a obra de Basílio não está ainda convenientemente reunida e fixada.

* Com pequenas alterações, trata-se da comunicação apresentada pelo autor ao «II Congresso Português de Literatura Brasileira», Porto, 8-10 de Maio de 1997.

¹ *Epopéia e Modernidade em Basílio da Gama*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da U.S.P., 1987; dissertação de mestrado.

² *Tem Papagaio no Pombal — Leitura d' "O Uruguay"*, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da U.F.R.J., 1989; dissertação de mestrado.

³ *"O Uruguay" e a Fundação da Literatura Brasileira — Um caso de diálogo textual*, 2 vols., Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1990; dissertação de doutoramento.

⁴ *Obras Poéticas de Basílio da Gama — Ensaio e edição crítica*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

A recente edição de Ivan Teixeira, representando um avanço importante nesse domínio — sobretudo no que respeita ao apuramento textual dos poemas mais difundidos —, não resolveu contudo o problema. Em primeiro lugar, compreende-se mal que o seu organizador se tenha limitado, conforme declara, «por estratégia de trabalho, ao *corpus* estabelecido por Norberto⁵ / Veríssimo⁶», não operando assim «nenhum expurgo de atribuição indevida ou acréscimo de inédito com autoria comprovada» (p. 183). Na verdade, não vemos motivos que justifiquem o facto de o autor ter seguido a edição de José Veríssimo no que respeita ao estabelecimento do *corpus*, na medida em que, como é sabido, há uma série considerável de textos menores — tanto dos publicados em vida de Basílio quanto dos publicados postumamente, inclusive pelo próprio Veríssimo — em relação aos quais os testemunhos de atribuição são insuficientes ou discordantes, exigindo assim um estudo pormenorizado, que poderia levar à exclusão de alguns deles ou à sua remissão para um apêndice. Por outro lado, também não nos parece aceitável que poemas dados a conhecer depois da edição de 1920 — alguns dos quais impressos em vida do poeta e sem quaisquer dúvidas de atribuição — tenham sido excluídos por Ivan Teixeira da sua edição. Num outro plano, também não entendemos que uma edição que o seu autor apresenta como crítica despreze em muitos casos as versões manuscritas de textos publicados postumamente, ou considere apenas as que Veríssimo explicitamente seguiu. Por último, o modelo e a forma de apresentação daquilo que deveria ser uma aparato crítico suscitam também muitas reservas.

Em conclusão, podemos dizer que, apesar de alguns progressos alcançados, a observação feita por Ivan Teixeira segundo a qual «o poeta anda mal editado» (p. 185), continua, infelizmente, a ser verdadeira.

2. Feito este balanço preliminar, daremos agora um pequeno contributo para a superação das lacunas que a edição da obra de Basílio da Gama continua a revelar: apresentaremos 17 poemas inéditos (1 ode,

⁵ O autor refere-se a um conjunto de apontamentos biobibliográficos e de documentos destinados a uma edição das obras de Basílio que Joaquim Norberto de Sousa Silva não chegaria a publicar. Esse material está hoje depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

⁶ VERÍSSIMO, José — *Obras Poéticas de José Basílio da Gama, precedidas de uma biografia crítica e estudo literário do poeta*, Rio de Janeiro / Paris, Garnier, s. d. [1920].

11 sonetos, 1 décima e 4 glosas) e uma versão manuscrita — ao que supomos, desconhecida até agora — da glosa da quadra do Duque de Lafões que contém uma série de variantes significativas relativamente ao texto apurado por Ivan Teixeira. Todos esses textos virão publicados num Anexo.

Como advertência prévia, convém notar que nem todas as indicações de autoria constantes das fontes manuscritas em que se encontram recolhidos os poemas são absolutamente seguras. Por isso, e apesar de as abreviaturas utilizadas em alguns casos parecerem não poder apontar para outro autor, as conclusões neste domínio são, obviamente, provisórias, como de resto é comum neste tipo de investigação. A sua confirmação definitiva exigirá, portanto, estudos mais pormenorizados e de outro tipo.

2.1. O primeiro texto, iniciado pelo verso «N'hũ Campo esmaltado», encontra-se no volume I de um cancioneiro manuscrito que apresenta na lombada o título «FLORES / DO / PARNASO» e recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII. Esse códice pertence actualmente ao Dr. José Mindlim, de São Paulo. O poema em questão ocupa os fos. 91v a 93r e é apresentado como «Ode Anacreontica».

Tanto pela forma como pelo tema, trata-se de uma ode muito diferente das outras que Basílio da Gama compôs. Constituída por trinta quadras de redondilha menor com rima *abcb*, esta é uma ode lírica, apesar de apoiada numa estrutura de tipo narrativo. Recorrendo à figura do próprio Cupido, o poema desenvolve o motivo do sofrimento amoroso. O deus do amor começa por ser apresentado deste modo:

Os olhos chorosos,
macilento o rosto,
e ao braço encostado,
em ar de desgosto (vv. 9-12).

O núcleo central do poema acaba por ser um longo discurso de Cupido, dirigido à «ímpia» amante, a bela pastora Tirceia, cujo desprezo o deus não consegue vencer, na medida em que recebe invariavelmente como resposta:

*Nem forte me assustas,
Nem me obrigas brando* (vv. 83-84).

Embora se trate de um texto que não se afasta muito dos motivos que dominam a poesia lírica da época e que recorre a uma ou outra imagem comum e a uma adjectivação bastante convencional, cremos que o seu conhecimento nos revela uma faceta de algum modo nova da personalidade literária de Basílio da Gama, da mesma forma que nos dá conta da sua mestria na utilização do verso curto.

2.2. Passemos agora aos sonetos, forma poética mais comum na obra do autor de *O Uruguay*. Com efeito, estavam até ao momento atribuídos a Basílio da Gama 41 sonetos, que poderíamos distribuir do seguinte modo: 13 publicados em vida do autor; 25 publicados postumamente; 3 inéditos, revelados e reproduzidos por Vânia Chaves na sua dissertação de doutoramento. Acrescentando os 11 que agora daremos a conhecer, o número total eleva-se assim para 52.

Começando por apresentar a relação desses sonetos, temos em primeiro lugar «Eu vi Amor a militar armado» (Soneto I do Anexo), recolhido no códice 10, 1, 15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, fo. 121v.

Temos depois 4 sonetos (II a V do Anexo) que surgem, de forma não consecutiva, no volume III da miscelânea manuscrita mencionada no ponto 2.1. São eles: «Se Eu tão rico me visse, que encerrasse» (20v); «Nereidas que habiades a vêa pura» (26v); «Brilha, em Teus lindos olhos vencedores» (27r); «Quantas vezes, Senhor, pulsando a Lyra» (28r).

Finalmente, temos um conjunto de 6 sonetos (VI a XI) no volume V do mesmo cancioneiro. Ocupando as páginas 175 a 180, apresentam-se consecutivamente: «As noutes passo triste, passo os dias»; «Morrendo triste, vivo nesta Aldea»; «Se pertendo queixar-me da Pastora»; «Ancella, Ancella, deixa-me querer-te»; «Tu, Pastora, nasceste de alta esfera»; «Hes Mulher, não te culpo, vaite embora».

Ao contrário de boa parte dos sonetos de Basílio até agora conhecidos — frequentemente de orientação circunstancial ou satírica —, este novo conjunto é maioritariamente lírico. A excepção é representada pelos sonetos III e V, que celebram ambos um aniversário natalício. No segundo deles — dirigido a uma personalidade cujas iniciais não conseguimos desdobrar —, podemos encontrar alguns dos tópicos mais comuns a este tipo de literatura celebrativa e laudatória, como sejam o da modéstia e o da verdade:

Quantas vezes, senhor, pulsando a lira,
vosso nome cantar tentado tenho!
Mas deste alto projecto ao desempenho
por fraca, em vão, a minha voz aspira.

Não é hoje a lisonja, a vil mentira,
quem ao vosso louvor forma o desenho;
é a santa verdade que ao despenho
me cerra os olhos porque as cordas fira (vv. 1-8).

Todos os outros sonetos são dominados pelo tema do amor, apresentado sob cambiantes diversos. A adesão ao imaginário e à linguagem do arcadismo é notória, traduzindo-se também no recurso à convenção pastoril e à roupagem mitológica.

O motivo mais comum é o do lamento perante a inconstância da mulher amada:

Ai, infeliz pastor! E como agora
Ancela te há-de ouvir, se delinquente
o voto quebrantou, e está patente
a culpa desta falsa enganadora? (VIII, vv. 5-8)

É igualmente frequente a expressão do sofrimento e da perturbação causados pelo amor:

As noutes passo triste, passo os dias
e as horas por Ancela suspirando.
Não sei adonde estou, nem por donde ando,
se gostos tenho, se melancolias (VI, vv. 1-4).

Mas podemos encontrar também a mera declaração amorosa: a «linda Alcipe» aclamada pelo deus do Amor e por um batalhão de «Cupidinhos» como «a bela mãe da tropa dos Amores» (I, v. 14). Ou ainda a simples expressão hiperbólica da incomparável beleza da mulher amada:

Ah, que se o mundo há mais te conheceria,
nem Tróia por Helena se abrasara,
nem a Vénus o pomo Páris dera! (IV, vv. 12-14).

2.3. A décima, iniciada pelo verso «Vi huma noite ajuntar», está no códice 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, fo. 12v.

Até ao momento, eram conhecidas duas décimas do autor, ambas publicadas postumamente e ambas excluídas da edição de Ivan Teixeira: «Não virão Sol nem Estrellas»⁷ e «Conheceu não muito cêdo»⁸. Um pouco à semelhança delas, também esta revela esse lado mais ligeiro e gracioso da veia poética de Basílio, agora posto ao serviço do retrato de uma dama para cuja identificação o autor desafia — numa estratégia próxima da adivinha — o leitor (ou o ouvinte).

2.4. Passando agora às quatro glosas inéditas, todas recolhidas no volume III da miscelânea manuscrita mencionada nos pontos 2.1. e 2.2., comecemos por identificá-las:

— a I ocupa o fo. 134r, sendo formada por uma única décima iniciada pelo verso «Que estranho caso contemplo!» e tendo por mote um dístico que começa por «*Fugio Cupido do Templo*»;

— a II está no fo. 134v, é também formada por uma décima, que começa por «Se os humanos peitos ferem», e tem por mote um dístico iniciado pelo verso «*Os meus olhos, quando querem*»;

— a III vem nos fos. 136r e v, sendo constituída por quatro décimas cujo primeiro verso é «Dize, Cupido: Te assusta» e tendo por mote uma quadra começada por «*Vai, Amor, dispara as flechas*»;

— a IV ocupa os fos. 137r e v e é também constituída por quatro décimas iniciadas pelo verso «Campinas, ameno Prado», servindo de mote uma quadra começada por «*Aqui, ao tempo futuro*».

Como fica dito, todas as glosas revestem a forma de décima, que — à semelhança do que se verifica no texto referido no ponto anterior — se apresentam como *espinelas*, obedecendo portanto ao esquema rímico *abbaaccddc*. Apesar disso, estamos perante dois tipos diferentes de glosas: as duas primeiras têm por mote aquilo a que geralmente se dá o nome de colcheia, isto é, um mote formado por dois versos, depois retomados como

⁷ Publicada por Januário da Cunha Barbosa no *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como ja impressas*, vol. 1.º, caderno 3.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1830, p. 36.

⁸ Publicada por Alberto Pimentel em *Zamperineida* — Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa; Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1907, p. 216.

4.º e 10.º versos da décima; os outros dois textos, por seu turno, têm por mote quadras, repetindo-se cada um dos versos no final de cada décima.

Exibindo sobretudo a habilidade versificatória do autor, estes textos não se afastam muito dos motivos e da linguagem mais comuns da poesia lírica da época. Dominados pelo tema do amor, acentuam sobretudo o sofrimento do sujeito, que na glosa IV é representado no feminino:

Relatai, sim, que adorei
a Fileno, a meu pesar,
chegando-me a sujeitar
d'Amor à mais ímpia lei (vv. 21-24).

Com estes novos elementos, eleva-se para 7 o número de glosas atribuídas a Basílio da Gama. Na verdade, eram já conhecidos outros três textos: o que parte do mote «*Nunca o pomo a Venus dera / Se Paris no monte a vira*», o único publicado em vida do autor⁹; o que glosa a quadra do Duque de Lafões, a que faremos referência no ponto seguinte; e o que desenvolve o mote «*Tocando n'uma sanfona*»¹⁰.

2.5. Em último lugar, temos uma versão manuscrita da glosa feita por Basílio da Gama à quadra do Duque de Lafões, publicada pela primeira vez em 1814¹¹. Incluída no códice 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, fos. 76r a 77r, essa versão revela uma série de divergências importantes face à lição apresentada por Ivan Teixeira, pelo que julgámos útil a sua publicação no Anexo, acompanhada por notas de rodapé que assinalam essas diferenças.

3. Cremos que os dados apresentados podem, depois de convenientemente estudados e articulados com o resto da obra já conhecida, trazer novos elementos sobre a personalidade literária de Basílio da Gama.

⁹ In *Terceiro Tomo das Sesoens Literarias dos Alumnos da Academia dos Obsequiosos do Lugar de Sacavem*, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1791, p. 394.

¹⁰ In *Almanack de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1860*, Lisboa, Tip. Franco-Portuguesa, 1859, p. 256.

¹¹ In *Jornal de Coimbra*, VII, n.º XXXV — Parte I, Lisboa, na Impressão Regia, 1814, p. 213.

FRANCISCO TOPA

Creemos também, num outro plano, que este trabalho terá servido para mostrar a necessidade urgente de se proceder à recolha sistemática e à efectiva fixação crítica dos textos do poeta mineiro, tarefa que — incompreensivelmente, do nosso ponto de vista — continua a ser requerida por uma franja muito significativa da literatura brasileira do chamado período colonial.

Francisco Topa

ANEXO

Publicamos de seguida os 17 inéditos de Basílio da Gama referidos no nosso trabalho, assim como a versão desconhecida da glosa à quadra do Duque de Lafões.

Em relação aos inéditos, seguimos fielmente as fontes respectivas, actualizando contudo a ortografia dos textos. Apesar disso, tivemos o cuidado de respeitar as formas linguísticas da época. Quanto à pontuação, procurámos igualmente modernizá-la, mas de forma prudente.

No que respeita à versão da glosa, limitámo-nos a transcrever a lição do manuscrito, anotando em rodapé todas as diferenças significativas face ao texto apurado por Ivan Teixeira, que será identificado pela sigla «IT».

Procedemos também à numeração dos versos. Relativamente aos sonetos, optámos pela numeração de 3 em 3, colocada à esquerda. Os versos dos restantes textos foram numerados de 5 em 5, igualmente à esquerda. No caso da ode e das glosas com quatro estrofes, inserimos ainda, à direita, uma numeração contínua. Quanto às notas, as chamadas são feitas — como é habitual — a partir da numeração colocada à esquerda.

ODE ANACREÔNTICA

Fonte — Cancioneiro manuscrito sem folha de rosto. A lombada apresenta o seguinte título: «FLORES / DO / PARNASO / Manuscrito / 1 / Seculo XVIII». Embora o códice não apresente numeração, é possível verificar que a ode em causa ocupa os fos. 91v a 93r. Trata-se de uma miscelânea que recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII. Tendo pertencido à colecção de Rubens Borba de Moraes, está hoje na biblioteca do Dr. José Mindlin, em São Paulo. Cota: RBM/5/b.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

	Num campo esmaltado de mirto e de flores, um dia encontrei o Deus dos amores.	
5	Ao pé de uma fonte o bárbaro estava, o arco suspenso, sentado na aljava.	5
10	Os olhos chorosos, macilento o rosto, e ao braço encostado, em ar de desgosto.	10
15	Eu, que dele ainda não era sentido, de trás de umas ramas fiquei escondido.	15

	Atento escutando, se acaso falava, somente por ver de quem se queixava.	20
5	Eis que ele, arquejando, arreiado suspira e a mão do semblante furioso retira.	
	Anela, soluça,	25
10	e diz desta sorte: «Ah, ímpia Tirseia, «mais ímpia que a morte!	
	«Por que me desprezas, «assim desabrida,	30
15	«se sabes que eu posso «dar morte e dar vida?	
	«Do meu braço aos tiros «não são reservados «nem feras, nem homens,	35
20	«nem Deuses sagrados.	
	«A meu alvedrio «a todos sujeito, «ainda que tenham «de mármore o peito.	40
25	«Depois de rendê-los «buidos farpões, «nos pulsos lhes lanço «dourados grilhões.	
	«E muitos, contentes,	45
30	«entregam os braços «para que eu os prenda «com tão doces laços.	

FRANCISCO TOPA

	«Do meu patrocínio, «enfim, todos pendem, «mil cultos me dão, «mil graças me rendem.	50
5	«A uns favoreço, «a outros castigo, «feliz sou com todos, «excepto contigo.	55
10	«Decoro me guarda «a Parca inumana; «só tu, contra mim, «te ostentas tirana.	60
15	«Que tiro a teu peito «me viste vibrar? «Ou ainda, que seta «no arco apontar?	
20	«Pois bem, como eu venço «peitos mais isentos, «vencer-te pudera «com ferros cruentos.	65
	«Porém os teus olhos, «teu rosto engraçado, «me tem suspenso, «me tem cativado.	70
25	«Prostrei a teus pés «as flechas ervadas, «agudos farpões «de pontas douradas.	75
30	«Por ver se o teu génio «acaso vencia, «mais com oblações «que com valentia.	80

	«Mas tu me respondes, «o rosto voltando: <i>Nem forte me assustas, nem me obrigas brando.</i>	
5	«Protestas e juras «de nunca render-te, «ainda que o sangue «eu chegue a verter-te.	85
10	«Desprezas-me, enfim, «com ímpio rigor, «me chamas rapaz, «perjuro e traidor.	90
15	«Ah, teme, Tirseia, «o veres-me irado «e veres teu peito «em fogo abrasado!	95
20	«Teme, de meus tiros, «o estrago, a violência. «Vê que contra eles «não há resistência.	100
	«Quando em borbotões «teu sangue correr, «gemendo, de balde «te hás-de arrepender.	
25	«Da seta ferida «sentirás então «sair-te a pedaços «o vil coração!»	105
30	Eis que eu escutei tão ímpias ideias, senti congelar-se meu sangue nas veias.	110

FRANCISCO TOPA

Do sítio em que estava
saí, procurando
a linda pastora, 115
correndo e bradando:

5 «Tirceia, Tirceia,
sujeita-te a Amor,
não queiras provar
seu fero rigor!» 120

SONETO I

Fonte — Códice 10, 1, 15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, fo. 121v. Trata-se de uma miscelânea poética que recolhe textos de autores da segunda metade do século XVIII. O códice não apresenta título.
Observações — No final, como indicação de autoria, está escrito «J. B.».

- 3 Eu vi Amor a militar armado,
 tendo na destra um estandarte erguido,
 cobrindo a frente a um batalhão luzido
 de Cupidinhos mil enfileirado.
- 6 Trazia o Deus um curvo alfanje ao lado
 e os mais o esquerdo ombro guarnecido
 de cruentos farpões, formando unido
 todo um corpo de setas eriçado.
- 9 Passou a linda Alcipe. E com toda arte
 apresentam-se os ferros passadores
 e Amor bateu três vezes o estandarte.
- 12 Erguem-se as vozes, batem-se os tambores:
 «Viva, viva (soou por toda a parte)
 a bela mãe da tropa dos Amores!»

SONETO II

Fonte — Cancioneiro manuscrito sem folha de rosto. A lombada apresenta o seguinte título: «FLORES / DO / PARNASO / Manuscrito / 3 / Seculo XVIII». Embora o códice não apresente numeração, é possível verificar que o soneto em causa ocupa o fo. 20v. Trata-se de uma miscelânea que recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII. Tendo pertencido à colecção de Rubens Borba de Moraes, está hoje na biblioteca do Dr. José Mindlin, em São Paulo. Cota: RBM/5/b.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

- 3 Se eu tão rico me visse que encerrasse
em chapeados cofres grãos tesouros;
ou que, alto senador, de honrosos louros,
qual Marte invicto, a frente me enramasse;
- 6 se em régio sólio, sem que receasse
do Numen vário os tímidos agouros,
servindo de modelo aos reis vindouros,
um vastíssimo império dominasse;
- 9 tudo, amável Tirceia, submetido
a teus mimosos pés te tributara,
cabal prova de amante agradecido.
- 12 Mas se acaso ainda assim não te agradara,
abandonando o trono esclarecido,
da cabeça o laurel logo arrancara.

SONETO III

Fonte — *Ibid.*, fo. 26v.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

Aos anos de duas senhoras, festejados de companhia

3 Nereidas que habitais a veia pura,
vós, ó Graças gentis, ternos Amores,
Zeto, Oríon, Orfeu, sábios cantores,
vós que ocupais do Pindo a mor altura;

6 vós, Driadas, vós, Ninfas da espessura,
vós, formosas serranas, vós, pastores,
tecei capelas de mimosas flores,
inflamai-vos de harmónica doçura.

9 Vinde todos e em coros divididos,
tendo cingido já as belas frentes
a quem hoje os aplausos são devidos,

12 as doces liras afinai contentes
e celebrai em cânticos subidos
de Jónia e Nise os anos florescentes.

SONETO IV

Fonte — *Ibid.*, fo. 27r.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

- 3 Brilha em teus lindos olhos vencedores,
 gentil Tirceia, uma tal ternura
 que os peitos mais isentos, com brandura,
 suspirando por ti, morrem d'amores.
- 6 De teu nevado rosto as rubras cores
 com seus lábios Amor tocar procura,
 e rendido da tua formosura
 lança a teus pés os férreos laçadores.
- 9 Tal é tua beleza, em tudo rara,
 que em branda torna a condição mais fera
 e o Deus matreiro as armas desampara.
- 12 Ah, que se o mundo há mais te conhecera,
 nem Tróia por Helena se abrasara,
 nem a Vénus o pomo Páris dera!

SONETO V

Fonte — *Ibid.*, fo. 28r.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

Aos anos de J. R. S. J. N. J. de M.

- Quantas vezes, senhor, pulsando a lira,
vosso nome cantar tentado tenho!
3 Mas deste alto projecto ao desempenho
por fraca, em vão, a minha voz aspira.
- Não é hoje a lisonja, a vil mentira,
6 quem ao vosso louvor forma o desenho;
é a santa verdade que ao despenho
me cerra os olhos porque as cordas fira.
- 9 A mesma gratidão, a fronte alçando
vem, bafeja-me o plectro, e docemente
canto digno de vós me está ditando.
- 12 Mas se a vossa virtude o não consente,
ao menos vossos anos modulando
rogarei nos dilate o Céu clemente.

SONETO VI

Fonte — Miscelânea manuscrita intitulada *Flores do / Parnazo / ou / Collecção / de / Obras Poeticas / de / Differentes Auctores / Junctas pelo cuidado / de / J... N... S... M...*; p. 175. Na lombada vem a indicação «Vol. V». A miscelânea recolhe poemas de autores da segunda metade do século XVIII. Tendo pertencido à colecção de Rubens Borba de Moraes, o códice está hoje na biblioteca do Dr. José Mindlin. Cota: RBM/5/b.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.º».

- As noutes passo triste, passo os dias
e as horas por Ancela suspirando.
- 3 Não sei adonde estou, nem por donde ando,
se gostos tenho, se melancolias.
- 6 Qualquer pastor me deixa entre agonias,
enfim, de Aleixo todos 'stão zombando.
Aonde irei, se em mágoas tropeçando
não espero jamais ter alegrias?
- 9 Até o sol me foge, e a nuvem densa,
oposta à luz, fez noute na cabana
que era deste zagal sala e despensa.
- 12 Não passo dia, hora, nem semana,
que o meu triste pesar em recompensa
me não traga à memória essa tirana.

SONETO VII

Fonte — *Ibid.*, p. 176.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.^o».

- 3 Morrendo triste, vivo nesta aldeia
sem gado, sem pastora nem amigo.
Umás vezes me esqueço do que digo
e outra vez o que calo me recreia.
- 6 Não me lembra o jantar, menos a ceia,
muito pouco já hoje a caça sigo.
Pelos caminhos falo só comigo
e nada o gosto enfim me lisonjeia.
- 9 Já por louco me têm. E na verdade,
que bem provada está minha loucura,
depois que me atormenta esta saudade!
- 12 Este mal que padeço não tem cura.
Mas que importa tolere esta crueldade,
se tudo quanto sofro é por *Ventura*?

SONETO VIII

Fonte — *Ibid.*, p. 177.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.º».

- 3 Se pretendo queixar-me da pastora
 que tanto amava, Amor o não consente.
3 Se a desculpá-la vou como inocente,
 Amor, o mesmo Amor, a acha traidora.
- 6 Ai, infeliz pastor! E como agora
 Ancela te há-de ouvir, se delinquente
 o voto quebrantou, e está patente
 a culpa desta falsa enganadora?
- 9 Como depois te atreves de jurar-me
 tanta constância, ingrata, ainda a ofender-me?
 Esta é a que a amar há-de ensinar-me?
- 12 Ah, pastores, sentido vinde a ver-me!
 Dela fugi, que assim soube enganar-me,
 que das mais eu protesto defender-me.

SONETO IX

Fonte — *Ibid.*, p. 178.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.º».

- 3 Ancela, Ancela, deixa-me querer-te
ou toma conta do meu gado todo,
que eu sem ti a servir não me acomodo,
pois antes perder tudo que perder-te.
- 6 Anfriso poderá mais merecer-te,
pois a fortuna lhe deu graça e modo.
Tudo isso te concedo
Goza os carinhos que eu não sei fazer-te.
- 9 Vai-te em paz, que eu farei que dos pastores
sejas notada, sirvas de escarmento
à nobre queixa destes meus clamores.
- 12 Ancela, oh céus, será por nascimento
a pastora que ostenta mais rigores
de quantas o sol tem conhecimento!

3. servir] Parece tratar-se de uma emenda, embora não definitiva: a palavra está escrita acima da linha, sobreposta a «viver», mas sem que esta esteja riscada.

7. O verso está incompleto no original.

SONETO X

Fonte — *Ibid.*, p. 179.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.^o».

- 3 Tu, pastora, nasceste de alta esfera;
eu, infeliz, desta pequena choça.
Tu do sol enobreces a carroça;
eu nem do monte a mais humilde fera.
- 6 Tu dominas alegre a Primavera;
eu do mato exercito agora a roça.
O gado já morreu. Nem há quem possa
consolar-me, se bem meu mal pondera.
- 9 Querer-te desigual fora agravar-te,
porém maior delito o não querer-te.
Ai de mim! Que mais hei-de declarar-te?
- 12 Por quem sou, já não posso merecer-te.
Mas como me permitas adorar-te,
será menor a pena de perder-te.

SONETO XI

Fonte — *Ibid.*, p. 180.

Observações — No cabeçalho, como indicação de autoria, está escrito «B.º».

- 3 És mulher, não te culpo, vai-te embora!
 Outro pastor mais vário enfim procura!
 Se o teu engano nasce de loucura,
 pondera-o uma vez como senhora.
- 6 Que me podes dizer, falsa pastora,
 que não seja desar da formosura?
 Se produz tal desgraça esta ventura,
 quem se pode livrar de uma má hora?
- 9 Se tanto prezas essa variedade,
 deixa de me pedir uma firmeza
 que do peito riscou tua crueldade.
- 12 Pastora ingrata já por natureza,
 ou trata c'os pastores mais verdade,
 ou não manches de Amor hoje a pureza.

DÉCIMA

Fonte — Códice 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, fo. 12v.
Trata-se de uma miscelânea poética que recolhe textos de autores da
segunda metade do século XVIII. O códice não apresenta título.

Observações — No final, como indicação de autoria, está escrito «De Jozé
Bazilio».

Vi uma noite ajuntar,
nesta rocha que o mar beija,
Ninfas que fazem inveja
às mesmas Ninfas do mar.
5 Vinham todas festejar
uma Deusa com ornato,
cheias de respeito inato,
soltos formosos cabelos,
mas gostosos olhos belos:
10 tirem-na pelo retrato.

GLOSA I

Fonte — Cancioneiro manuscrito já citado, cuja lombada apresenta a seguinte inscrição: «FLORES / DO / PARNASO / Manuscrito / 3 / Seculo XVIII». Embora o códice não apresente numeração, é possível verificar que a glosa em causa surge no fo. 134r.

Observações — Abaixo do mote, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

Mote

*Fugiu Cupido do templo,
todas as Ninfas choraram.*

Glosa

Que estranho caso contemplo!
Ponha-se o mundo em cautela,
pois deixando a Vénus bela,
fugiu Cupido do templo.
5 Já deste fatal exemplo
graves danos resultaram:
as Graças se desgrenharam,
e em confusos alaridos,
dando mil ais, mil gemidos,
10 *todas as Ninfas choraram.*

GLOSA II

Fonte — *Ibid.*, fo. 134v.

Observações — Abaixo do mote, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

Mote

*Os meus olhos, quando querem,
podem mais que pode Amor.*

Glosa

Se os humanos peitos ferem
do Numen cego os farpões,
também rendem corações
os meus olhos, quando querem.
5 Bem sei que muito diferem
de um agudo passador;
porém fazem pundonor
em ostentar tal brandura,
que, movidos com ternura,
10 *podem mais que pode Amor.*

8. ostentar] Parece tratar-se de uma emenda: a palavra está escrita acima da linha, sobreposta a «respirar», mas sem que esta esteja riscada.

GLOSA III

Fonte — *Ibid.*, fos. 136r e v.

Observações — Abaixo do mote, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

Mote

*Vai, Amor, dispara as flechas,
com elas fere o meu bem!
Suspire como eu suspiro,
chore, que eu choro também!*

Glosa

1.^a

	Dize, Cupido: te assusta	
	mostrar teu poder imenso?	
	Ficas de me ouvir suspenso!	
	Satisfazer-me te custa?	
5	Confessas ser muito justa	5
	minha súplica e te vexas?	
	Temes abrir fundas brechas	
	naquele ímpio coração?	
	Ora, vai! Não temas, não!	
10	<i>Vai, Amor, dispara as flechas!</i>	10

2.^a

Vai, mas primeiro que tudo,
o teu curvo arco apronta.
Não leves setas por conta;
enche o arcaz, que eu te ajudo.

FRANCISCO TOPA

	Este farpão mais agudo, pronto já no arco o tem.	15
5	Atira-o primeiro; e sem que te fique seta alguma, atirando-as uma a uma, <i>com elas fere o meu bem.</i>	20
	3. ^a	
10	Fere, sim! Nem seus gemidos te comovam a piedade, já que, sem humanidade, julga os meus votos fingidos.	25
15	A seus queixumes ouvidos lhe não dê. Dispara o tiro! Que assim o faças infiro. Vai! E sem que tenhas dó, faze aquele peito em pó. <i>Suspire como eu suspiro!</i>	30
	4. ^a	
20	Suspire e veja o que sente um peito que é fino amante. Saiba qual dor penetrante me faz viver descontente.	35
25	E já que tão impiamente martirizado me tem, não te embarace ninguém, dispara o ferro cruento. Sinta pois igual tormento, <i>chore, que eu choro também!</i>	40

GLOSA IV

Fonte — *Ibid.*, fos. 137r e v.

Observações — Abaixo do mote, como indicação de autoria, está escrito «J. B. da G.^a».

Mote

*Aqui, ao tempo futuro,
neste freixo pendurada,
deixo a cadeia e o grilhão
que eu arrastei enganada.*

Glosa

1.^a

	Campinas, ameno prado, densos bosques e florestas, onde as encalmadas sestas tenho contente passado:	
5	adeus, que o meu ímpio Fado em vão abrandar procuro!	5
	Adeus, fonte, cristal puro, que eu me ausento! E só vos peço conteis meu triste sucesso	
10	<i>aqui, ao tempo futuro.</i>	10

2.^a

Pintai minha infausta cena
aos vindouros, que a meu ver,

3. onde] *Orig.*: aonde. *Esta emenda é justificada por razões de métrica.*

FRANCISCO TOPA

creio de ouvi-la hão-de ter
compaixão da triste Imena.
Dizei que a mais dura pena 15
sofri por Amor causada,
5 domando com seta ervada
meu coração, cuja história
deixo em vós, para memória,
neste freixo pendurada. 20

3.^a

10 Relatai, sim, que adorei
a Fileno, a meu pesar,
chegando-me a sujeitar
d'Amor à mais ímpia lei.
Mas como só encontrei 25
naquele peito traição,
15 quebrei, com des'peração,
seus duros, tiranos laços,
de que, feita em mil pedaços,
deixo a cadeia e o grilhão. 30

4.^a

20 Cercada pois de agonias,
vou viver entre as montanhas,
onde as feras mais estranhas,
são menos tirânicas.
Ali os meus tristes dias 35
acabarei desterrada,
25 mas isenta e libertada
do peso e vergonha ingente
dessa aspérrima corrente
que eu arrastei enganada. 40

21. onde] *Orig.: aonde. Uma vez mais, a métrica parece solicitar esta emenda.*

22. *Tanto a métrica como a rima parecem indicar que estamos perante um erro de cópia.*

GLOSA V

Fonte — Códice 1912 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, fos. 76r a 77r.

Observações — No final, como indicação de autoria, está escrito «Joze Bazilio da Gama».

Mote

Muita terra tenho andado
Muita gente ferquentei
Com todos tive fortuna
Mas nunca melhor me achei.

Glosa

1.^a

	Não pelo esplendor da Corôa	
	Nem pelos Troféos antigos	
	Por trabalhos, por perigos	
	De meo nome a Fama vôa.	
5	Fumegaria ainda Lisboa,	5
	Eu deixando o Tejo amado,	
	Entreguei-me à sorte, e ao Fado,	
	Para adquirir novos lumes,	
	Vendo os homens, e os costumes	
10	Muita terra tenho andando.	10

1. Não] Nem IT

5. Fumegaria ainda] Fumegava inda IT

8. Para] Por IT

9. os homens. e os costumes] gentes e costumes IT

FRANCISCO TOPA

2.^a

	Vi a antiga, e nobre Hespanha, A audaz, e livre Inglaterra, Gallia illustre em paz, e em guerra, E a sumptoza Allemanha.	
5	Veneza a quem o Mar banha, O Pó, que he das agoas Rey; Bizancio com outra Ley, A Grecia com outro Rito; Da Moscovia ao sabio Egypto:	15
10	Muita gente ferquentei.	20

3.^a

	Ora de Murtas coroadado, Ora seguindo outro rumo, Coberto de pó, e fumo, De nobre suor banhado.	
15	Vi o Pelouro ao meu lado, Romper guerreira columna, Girando a Fouce importuna. Respeitou-me sempre a Parca; E do Pastor ao Monarca:	25
20	Com todos tive fortuna.	30

4.^a

Mas eu devia a estes áres
Rico thezouro adquirido,
Pelo qual tinha corrido
Tanta terra, e tantos Mares.

-
2. A audaz e livre] A livre audaz IT
6. O Pó, que he das agoas Rey] O Tibre das Águas Rei IT
9. Da Moscovia] De Moscou IT
21. eu devia] devendo IT
22. Rico] Novo IT
23. Pelo qual] Por quem eu IT
24. Tanta terra] Tantas terras IT

	Tornei aos meus patrios Lares;	35
	As sciencias convoquei;	
	As Artes bellas chamei;	
	E as Muzas em largo giro;	
5	Orno em paz o meu retiro:	
	Mas nunca melhor me achei.	40

4. E as Muzas em largo giro] Segui das Musas o giro IT
5. Orno em paz o meu retiro] Hoje vivo em mais retiro IT